

O Idiota Político

Dejalma Cremonese*

Para discutir sobre a questão do idiota político analiso a filósofa Hannah Arendt, mais especificamente o capítulo II da obra *A condição humana* (1958), na qual a autora elabora possíveis diferenças entre o público e o privado.

Arendt inicia sua obra tratando das três condições/atividades e capacidades humanas (formas de vida): a primeira aborda o *labor* que está relacionado às necessidades corporais do homem e a sua sobrevivência biológica (*animal laborans*), a qual assegura a continuidade do indivíduo e da espécie. A segunda versa sobre o *trabalho* (*work*), que une o homem à produção de objetos duráveis (utilizando a produção por meio da técnica). É na *Ação*, no entanto, que os homens agem e interagem uns com os outros no seio de uma vida política, pois viver é estar entre os homens, em comunidade (*koinomia*), em sociedade. Na verdade ninguém é uma ilha, carecemos inexoravelmente da presença da alteridade do outro.

A ideia da necessidade de o homem viver em sociedade nos remete aos pensadores clássicos como Aristóteles, Sêneca e Tomas de Aquino. Outrora Aristóteles afirmara que o homem que vive só, na privatividade, é o *idion* (daí provém a palavra idiota), isto é, o idiota que está preocupado com aquilo que é seu apenas (o privado, o familiar e o individual), e não se interessa nem participa dos assuntos da sociedade e que a todos diz respeito. O homem idiota é um contraposto ao homem cívico, com *arete* (Gr.) ou *virtus* (Rom.), que participa, interage e se realiza na esfera pública (política) onde tudo é comum (*Koinos*). Deste modo, aquilo que é próprio do idiota (*idion*) está relacionado ao domínio da casa (*oikos*), que se dá na esfera privada (reino da necessidade). Nesta esfera, só o dono, o chefe da família, exerce o poder sobre os subordinados (empregados, mulher, filhos, escravos). Já a esfera pública é a área da política, o ambiente da *vita activa*, na qual o homem atinge a condição de humano. É a esfera do comum (*koinon* = mundo comum) da vida política. É na vida política que os homens empregam a retórica (persuasão) e o discurso para confrontar opiniões e convencer seus oponentes. É na vida política que o homem resolve os problemas por intermédio da persuasão e não da violência. Em Aristóteles, a esfera pública era o domínio da vida política que se exercia por meio da ação (*práxis*) e do discurso (*lexis*). O discurso era o objeto central da polis. Sendo assim, a política (vida pública) é a esfera da liberdade e da igualdade em que todos os homens são livres e iguais (isonomia).

Seguindo a ideia da nossa filósofa, pergunta-se: Em qual das três atividades nos situamos/encontramos: no *labor*, quando apenas sobrevivemos graças ao suor de nossos rostos (*homo laborans*)? No *trabalho* (*work*), no qual fabricamos objetos (in) duráveis que garantirão a durabilidade ou a futilidade da nossa mortal condição humana (*Homo faber*)? Ou em uma vida de *ação* garantida pela presença do outro (viver em sociedade), do tempo livre e pelo caráter político do homem ao defender os interesses de todos?

Se o *labor* e o *trabalho* (*work*) se dão na esfera privada (sendo o privado o reino da necessidade), queremos constituir um homem de *ação* que se realiza na esfera pública. Ou seja, a política é o campo de ação para uma vida comunitária. É com a política que garantimos a vida boa (eudaimonia), virtuosa e feliz, pois ali, mediante o discurso, defendemos os interesses coletivos. Ou seja, não temos saída: ou escolhemos a política ou permanecemos idiotas.

* Professor do Instituto de Sociologia e Política da Ufpel – RS (Brasil). Site www.capitalsocialsul.com.br Twitter @cremonese68 E-mail: dcremoisp@yahoo.com.br